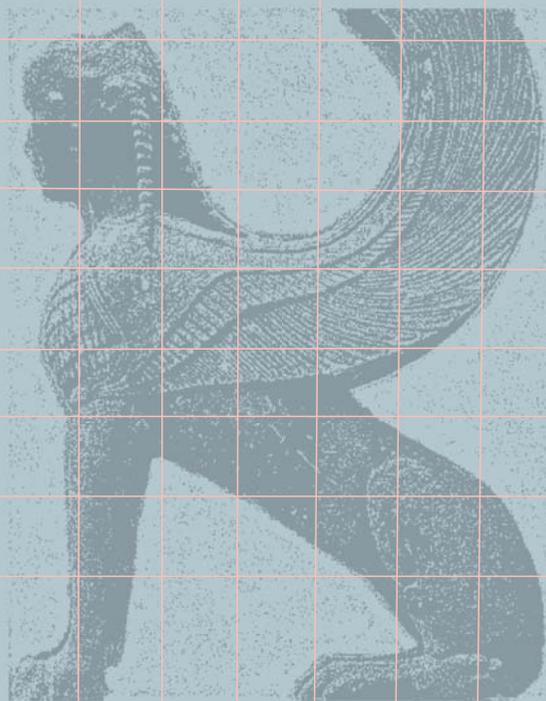


Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

Um olhar sobre as ideias de Toledo vinte anos depois

Ignácio A. Paim Filho¹, Porto Alegre

Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou pintura primitiva, mas de preferência por meio das áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos. [...] É altamente provável que o desenvolvimento dessas divisões esteja sujeito a grandes variações em diferentes indivíduos.

Freud

O encontro com as ideias de Toledo aguçou minha curiosidade e me produziu sensações inquietantes. Sua escrita é fluida e cativante, o leitor sente-se envolvido pela temática, mesmo com suas complexidades. Escrever sobre a metapsicologia e a concepção dos aparelhos psíquicos em Freud é um grande desafio: como ser consistente e, ao mesmo tempo, não ser hermético? Essa é uma das façanhas conquistadas por esse texto.

Diante desse fato, me vejo frente a uma provocação: escrever e tentar, inspirado na narrativa desse pioneiro da SBPRP, produzir um escrito que faça jus ao estilo e à profundidade desse. Com essa ambição, como indicador, pretendo usar seu escrito como um demarcador central do pensar freudiano que se desenrola no período de 1900 a 1923. Sendo assim, configurarei minhas ideias nas origens e nos desdobramentos da construção dessa ficção teórico-clínica que culminaram na *primeira e segunda tópica*, tendo por norte não fazer a injustiça de conceber a *mente por esquemas lineares como os*

¹ Psicanalista, membro titular com função didática da SBPdePA. Autor dos livros: *Metapsicologia – um olhar à luz da pulsão* (Movimento, 2014); *Sobre o filicídio – uma introdução* (Sulina, 2017) e *Inconfidências metapsicológicas – Das Unheimliche* (Sulina 2019).

desenhos e pinturas primitivas. Imbuído do compromisso de manter a riqueza do psiquismo, com suas *áreas coloridas*, que remete a um espaço de interação entre as instâncias.

Toledo faz um percorrido pelas ideias de Freud, tomando por interlocutora a teoria pulsional, suas relações com os objetos e seus consequentes desenvolvimentos metapsicológicos que determinam uma topografia e, por sua vez, implicam uma dinâmica e um fator econômico. Nesse sentido vai trabalhar a estruturação da *primeira tópica*, de 1900 – *inconsciente/pré-consciente/consciente* – que tem como dualidade pulsional o conflito entre as pulsões de autoconservação e a pulsão sexual Freud (1910/1969). Parte do pressuposto de que a pulsão sexual tem sua origem no corpo, e quando encontra o objeto que gratifica sua demanda, dá-se a experiência de satisfação; quando não se dá o encontro, temos a experiência de dor. O mundo psíquico vai se constituir no interjogo dessas experiências que instituirão o estado de desejo, registrado na memória do inconsciente recalçado como representação-coisa, com seus desmembramentos no pré-consciente como representação-coisa*² (retranscrição da representação-coisa do inconsciente – hipótese topográfica – dupla inscrição (Freud, 1915/2004) e a representação-palavra. Quando da junção destas duas representações, teremos a representação de objeto (representação-palavra + representação-coisa*). Aqui ingressamos no mundo simbólico: a palavra dando sentido à coisa, com suas múltiplas possibilidades de deslizamento.

Essa tópica tem sua dinâmica calcada no recalque, em seus três tempos: recalque primário, recalque secundário e no retorno do recalçado – conjuntura que tem como motor o desejo recalçado. Tal

² Esta sinalização visa a marcar a diferença dessa representação em relação à original, que está topograficamente localizada no inconsciente recalçado. Como está dito no texto, essa representação-coisa* do pré-consciente remete à originária; contudo, é produto de deslocamento e condensação que ascende e esse novo lócus, via retorno do recalçado. Cabe destacar que Freud (1915) trabalha com duas hipóteses metapsicológicas para explicar as vias de comunicação do recalçado: a citada acima, condizente com o retorno do recalçado, e a funcional. Essa última se dá por meio da comunicação entre atributos da representação-coisa do inconsciente e a representação-palavra do pré-consciente. Nesta está implicado o recalçamento secundário.

concepção ganha validade no trabalho dos sonhos – condensação e deslocamento –, meio pelo qual o desejo se realiza: império do princípio do prazer *versus* desprazer. A psicopatologia, nesse contexto, tem por postulado que o adoecer é produto de um excesso de recalque, sendo o sintoma, tal qual o sonho, uma satisfação do desejo proibido. Desejo parricida e incestuoso que começa a ser desenhado entre 1897 e 1900, atrelado às tragédias de Édipo, de Sófocles, e Hamlet, de Shakespeare, que serão conhecidas na forma de *complexo de Édipo* em 1910a: modelo em torno do qual a sexualidade infantil vai constituindo o sujeito (Freud, 1905/1969).

Todo esse processo dinâmico, centrado na força do desejo recalcado no inconsciente, explicita a história de que somos habitados por um mundo desconhecido, que busca se fazer mais conhecido, em suas variadas formas de retorno: sonhos, atos falhos, sintomas, transferências, chistes [...]. Essa proposição metapsicológica freudiana, assentada na tópica de 1900, fundamentará o postulado de que o trabalho analítico tem por meta viabilizar caminhos para tornar consciente o inconsciente: paradigma da cura analítica. Essa que tem como processo a dinâmica do “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914/2004), centrado no processo transferencial: “Todavia, o instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente a repetir e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência” (Freud, 1914/2004, p. 301).

Esta breve releitura das reflexões de Toledo, com suas ressonâncias no meu pensar, visa a constituir-se numa carta-convite para lançarmos um olhar para as origens, ou seja, como Freud teria chegado a essa hipótese de aparelho psíquico de 1900, com sua perturbadora inovação: “A característica revolucionária dos aparelhos psíquicos descritos por Freud é que ele deslocou o centro do psiquismo humano, até então colocado por outros na consciência, para o inconsciente” (Toledo, 1998).

Revisitando as origens: Freud antecedendo Freud

“Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade da metapsicologia”.

Freud

Em maio de 1891 Freud está concluindo seu primeiro livro, *Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico*. Está próximo de seu aniversário de 35 anos, e em setembro muda-se para Berggasse 19. Tempo de maturidade, tempo de ousar, sua migração da neurofisiologia para a neurologia clínica e psiquiátrica está se consolidando. O médico das *doenças dos nervos*, que abriu seu consultório em 1886, depois de cinco anos conquista um lugar de referência. Nesse cenário é convidado a escrever sobre a temática das afasias.

Este livro, lido de forma circunscrita, versa sobre um tema neurológico. Entretanto, em uma escuta mais atenta, percebemos que sua proposição antecipa ideias que estão por serem forjadas por ele mesmo, que o levaram a criar a Psicanálise³. Por esse caminho encontramos que sua pretensão é trabalhar as parafasias, presença de distúrbio da fala sem lesão anatômica: “Por parafasia devemos necessariamente entender um distúrbio de linguagem no qual a palavra apropriada é substituída por uma inapropriada que, contudo, mantém sempre uma relação com a palavra correta” (Freud, 1891/2013, p. 41). Prenúncio das parapraxias? Lembrando que seu texto é um estudo crítico à predominância, no meio neurológico, das teorias localizacionistas. Sendo assim o aspecto funcional será seu objeto de estudo, juntamente às intensidades. Nesse momento começa a conceber um *aparelho de linguagem*. Quero crer que temos aqui um primeiro esboço de suas ideias topográficas: a necessidade

³ Corroborando essa ideia Paim Filho, Kunzler e Katz (2014) propõem que esse texto seja visto como um marco inaugural da 1ª virada freudiana – [1891-1897] – [1900-1905]. Nesse sentido fazem uma analogia como o deus Jano: uma das faces remete para passado, a neurologia, e outra para o futuro, a Psicanálise. Dando sequência a esse pensar, discorrem sobre mais três viradas, ou ainda, inconfidências: 2ª - 1914-1915; 3ª - 1919/1920 – 1930; 4ª - 1925/1927 – 1937/1938.

da invenção de um aparelho, enquanto espaço virtual, para pensar os pensamentos com sua rede de afetos.

Entre as várias contribuições dessa narrativa inaugural, temos a apresentação da teoria das representações. Esta, com pequenas modificações, será reapresentada no texto de 1915, “O inconsciente”. Essa teorização merece destaque, enquanto sua vinculação com o trabalho do inconsciente, a proposição que as representações-coisa (neste chamado de objeto) sejam abertas e as de palavras, fechadas. Tal pensar revela que as representações-coisas possuem infinitas possibilidades de combinações – amplitude do processo primário – enquanto as representações-palavras têm possibilidades finitas – as restrições do processo secundário.

Com esse aparelho de linguagem, centrado na escuta da fala, temos um primeiro momento, um semear de ideias, da estruturação do pensar metapsicológico de Freud. Seu segundo momento ocorre em 1895.

No decorrer desses quatro anos — 1891/1895 —, a clínica freudiana avança, seu pensar neurológico vai se fazendo mais subjetivo. Nesse processo entre a clínica e a teoria vai se rascunhando o nascimento de sua ciência. Nesse ano de 1895, produzirá dois escritos magistrais, um para ser publicado, apresentando seu trabalho clínico — “Estudos sobre a histeria” — e, outro, teórico, para um público privado, Fliess — “Projeto para uma psicologia científica para neurólogos”.

No “Projeto”, diferente das afasias, Freud (Freud, 1895/1969) tem o objetivo consciente de construir um modelo de psique: um *aparelho neuronal*. Com isso em mente, busca estruturar um certo isomorfismo, uma analogia entre sistemas de neurônios e o funcionamento do psiquismo. Utilizando a ideia de que todos os neurônios são iguais estruturalmente, o que os caracteriza seria seu grau de permeabilidade, atravessado pelas intensidades. Diante disso, vai propor a existência de três sistemas, abastecidos por quantidades exógenas e endógenas: \emptyset , Ψ e ω .

O sistema \emptyset – percepção/descarga — é totalmente permeável, recebe as quantidades exógenas (Q), não tem memória, está

associado à função primária que visa à descarga absoluta. Nesse processo, de vir a estruturar-se um aparato anímico, diante das grandes necessidades da vida – fome, respiração e sexualidade – dá-se o acontecer da ação específica que instaura outra instância: Ψ .

O sistema Ψ tem um grau de permeabilidade menor, recebe as quantidades endógenas (Q_n) e uma pequena exógena, mediado por \emptyset ; será a sede da memória, e nele temos a instalação da função secundária. Esse sistema tem o compromisso de reter um *quantum* da energia, para que possa ser o agente da ação específica. Ação essa executada por outro (*complexo do semelhante*) que sacia a fome e inscreve essa vivência em Ψ . Temos aqui o germe da experiência de satisfação geradora do estado de desejo que pulsa buscando a satisfação. Freud começa a especular a existência nesse sistema de uma instância – o Eu – que possa exercer o papel de julgar e discriminar o desejo da percepção. Processo que põe em marcha as vias para atingir a identidade de percepção: direta – desejo, encontro e realizo; ou indireta – desejo, não encontro, trabalho em prol da identidade de pensamento, para poder assim realizar o desejo.

Nesse território encontramos o esboço da concepção freudiana do que virá a ser o inconsciente, irrigado pelas quantidades endógenas – força constante que tem sua origem no soma – no futuro, as pulsões (*Trieb*). Podemos inferir que o posto neste sistema será retomado de forma amplamente metapsicológica a partir de 1900, em especial nos capítulos VI e VII da *Interpretação dos Sonhos: tenho-me ocupado continuamente [...] com a metapsicologia*.

Ao sistema ω , percepção/consciência, cabe notificar ao sistema Ψ os encontros e desencontros entre o desejado e o encontrado. É impermeável e transforma quantidades em qualidades. Não tem memória. Fazendo valer a máxima dos aparelhos psíquicos freudianos de que percepção e memória são excludentes.

As ideias tracejadas no “Projeto” de 1895, através do seu *aparelho neuronal*, herdeiro do *aparelho de linguagem* de 1891, vão encontrar em 1896, na chamada Carta 52 (Freud/Fliess 1896/1991), uma continuidade: *o aparelho de memória*. Esse novo aparelho torna-se mais metafórico, a linguagem que usa como analogia

o sistema neuronal sai de cena. Entra em cena a proposição que joga com inter-relação entre a consciência e a inconsciência com seus registros. Aqui é desenhada a seguinte topografia: percepção – indicadores de percepção – inconsciência – pré-consciência/consciência. Nesse contexto temos estruturada a ideia de inscrições, transcrições e retranscrições. Trabalho que implica trâmite psíquico nos arquivos da memória, para viabilizar a realização do desejo. Nesse sentido Freud sublinha:

...Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificações sucessivas: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – uma retranscrição (Freud, 1896/1991, p. 281).

Diante dessa constelação de elementos, com suas configurações, Freud está em condições de propor uma metapsicologia para a sua psicologia das profundezas. Essa que encontra na universalidade dos sonhos, que transpõe os limites da patologia, um terreno fértil para vir à luz, fornecendo as bases para a ciência do inconsciente. Sendo sintético, ousou dizer que o “Projeto”, como referência *princeps* desse período, pode ser considerado o próprio *projeto da Psicanálise*, ao ser portador do esboço de conceitos a serem construídos, elaborados e reelaborados, no decorrer de toda a obra freudiana. Tais como: quantidade endógena/pulsão; barreiras de contato/mecanismos de retardamento da demanda pulsional; experiência de satisfação/experiência de dor/desejo; complexo do semelhante/identificações; *a posteriori*/ressignificação; Eu-Ψ/Eu-1923; ação específica/nova ação psíquica; princípio de nirvana/princípio de constância/ princípio do prazer; facilitação/repetição; investimentos colaterais/fluidez libidinal; o pensar e o julgar/ a negativa e

Este pontual percorrido pelas origens teve a função de assinalar as concepções geradoras dos aparelhos psíquicos estabelecidos por Freud, com a pretensão de ampliar a fundamentação metapsicológica

das ideias que Toledo desenvolve na primeira parte de seu texto, centrado nas vicissitudes da pulsão sexual: inconsciente/pré-consciente – representação – desejo – proibição – formação de compromisso.

Seguindo meu roteiro vou me ocupar, agora, dos desdobramentos de suas ideias a partir da segunda dualidade pulsional: pulsão de morte *versus* pulsão de vida.

Revisitando os desdobramentos: Freud transpondo Freud

“O homem freudiano é um ser dividido e conflitado inexoravelmente”

Toledo

Em seu texto, Toledo faz incursões significativas no pensar freudiano, que antecede a *tópica* de 1923. Destaco dois aspectos: a problemática do Eu e do narcisismo. Esses dois temas se entrecruzam e vão estar envolvidos nas fissuras que, gradativamente, a *Tópica* de 1900 vai sofrer.

Compreendo que o *eu* vai sendo trabalhado por Freud, durante todo esse período, mas carece de um lugar. No texto “À guisa de introdução ao narcisismo” (Freud, 1914/2004), a temática do Eu ressurge, indo muito além da percepção/consciência. Nessa trama galga consistência metapsicológica, propulsora das mudanças que estão por vir, através do *eu-ideal* e do *ideal-de-eu*. Sistemas que estão vinculados, respectivamente com o narcisismo primário (ser o objeto) e o secundário (ter o objeto). Constituições que revelam a força dos objetos primários na estruturação do *eu*. Aqui nos é apresentada uma variação da primeira dualidade pulsional, na qual as pulsões de autoconservação serão também libidinizadas, fazendo com que o dualismo se faça entre a libido do Eu *versus* a libido objetal, com seu movimento de gangorra. O não sexual desaparece dessa trama, ressurgindo na segunda década do século XX, no conceito de pulsão de morte.

O contexto teórico desenhado com o texto de 1914 adquiriu maior envergadura com o artigo clínico de “Luto e melancolia”

(Freud, 1915-1917/2004). Encontramo-nos com o processo de metabolização do trabalho do luto. Trabalho que consiste no desligar-se do objeto externo e internalizá-lo como representação, num escopo identificatório. A melancolia é utilizada como forma de exteriorização da impossibilidade do trabalho do luto: seguir sob o jugo dos mandatos endogâmicos – território do *eu-ideal*. Este coagido pela instância crítica (precursor do Super-Eu de 1923) – parte cindida do *eu* – que trata o restante do *eu* como se fosse um objeto.

Podemos entender que com o escrito da psicologia do inconsciente, de 1915/1917, o trabalho de trabalhar o luto passa a ser determinante na constituição da autonomia do indivíduo: trânsito entre as identificações primárias para as identificações secundárias, bem como entre essas identificações, ditas edípicas (Paim Filho e Garcia, 2019).

Este conjunto de acontecimentos — a clínica freudiana, a problemática da compulsão à repetição e as neuroses traumáticas —, como também o acontecer da Primeira Guerra Mundial — turbulências da ordem cultural — pôs sob questionamento o pensamento hedonista de Freud: a busca do prazer a qualquer preço, império irrestrito do princípio do prazer. O inconsciente recalçado, com sua preponderância, abastecido pela libido, regido pelo desejo, construído pelo mundo representacional, sofre um nocaute. O inconsciente não recalçado assinalado em 1915 no parágrafo de abertura do texto “O inconsciente” se reatualiza. O além se impõe, nosso pensador inconfidente, em 1920, anuncia sua pretensão: “[...] nós estamos justamente em busca de tendências que estariam além do princípio do prazer, isto é, tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio do prazer” (Freud, 1920/2004, p. 143). Começa a se desenhar um novo paradigma, em torno do representável e do irrepresentável (Paim Filho, 2014).

O arcaico com seu mundo traumático, o não transcrito, incita a pensar os destinos das vivências que remetem ao que nunca foi prazeroso (Freud, 1920/2004): o desprazer originário. Seguindo essas trilhas, o masoquismo, em 1924, ressurgiu na letra freudiana. Nesse

processo se faz agente de mudanças significativas, a passividade originária se presentifica. Momento de adquirir *status* estrutural do psiquismo, sobretudo pelo masoquismo primário. Esse que mantém uma dualidade complementar com o narcisismo primário.

Freud transpondo Freud deixa como legado uma proposição metapsicológica para o irrepresentável e indicadores técnicos preciosos de como intervir, nesse continente alargado: “Construções em análise” (Freud, 1937/1969), abastecida por seu par complementar, “Análise terminável e interminável”, convocando os analistas a trabalhar seus limites e os limites do método, pondo *sub judice* o *per via di porre* versus *per via di levare* — 33 anos depois (1904).

Com o texto inaugural da virada de 1920, o surgimento da segunda dualidade pulsional – pulsão de morte *versus* pulsão de vida – estão lançadas as bases para o aparelho psíquico de 1923: *id/super-eu/eu*. Este aparelho tripartido torna-se mais complexo, mantém as proposições de 1900; contudo, o *eu* terá um lugar. Lugar esse que comporta a percepção/consciência e uma parte inconsciente, tão inconsciente quanto recalado. Esta proposição terá suas ressonâncias no texto inacabado de 1938, a “Cisão do *eu* nos processos de defesa” Freud (1938/2007). Trabalho que possibilita estruturar um pensar sobre a renegação e sua função constitutiva, atravessando o pensar restritivo da psicopatologia. A temática da cisão, além do recalque, oferece uma expansão para a clínica que transpõe o universo das neuroses históricas e, ao mesmo tempo, abre uma janela para expandir a problemática das neuroses atuais. Estas que clamam por serem revistas sob a ótica da pulsão de morte, em sua intrínseca relação com o corpo biológico e pulsional (Paim Filho, 2019).

Diante dessa nova configuração da psique, a problemática do trabalho analítico torna-se mais complexa; soma-se a meta de tornar consciente o inconsciente e a interação entre as instâncias. As identificações estruturando o aparato psíquico passam a ser fator determinante na constituição do sujeito: intercâmbio entre o ser e o ter. O *eu*, como resultante dos “investimentos recolhidos dos

objetos dos quais desistiu [...] que contém a história dessas escolhas objetais” (Freud, 1923/2004, p. 41), passa a ser o palco que alberga e faz trabalhar as transformações da alma: “Aliás, na verdade, mesmo nosso trabalho psicanalítico é um instrumento que visa a possibilitar ao *eu* progressivamente conquistas do *id*” (Freud, 1923/2004, p. 63).

Seguindo por esse viés em 1932, na “XXXI Conferência”, retoma as concepções de 1923, com um acréscimo significativo. A base do aparelho psíquico, até então fechada em relação ao soma, abre-se. Esta abertura permite que a pulsão circule diretamente pelo psíquico, a relação psique-soma se faz mais intensa. Tal fato tem relevância em relação à força do traumático da pulsão morte, ideia fecunda para estabelecer um pensamento metapsicológico e técnico para trabalhar os pacientes concebidos como de difícil acesso, por exemplo, como destaca Toledo, a psicossomática, ou ainda, as patologias narcísicas. Nesse sentido, é curioso perceber a necessidade de Freud, no final dessa conferência, de remontar às palavras de 1923, em relação à meta-analítica do *eu* em relação ao *id*, o caldeirão das paixões indomadas: “Seu propósito é, na verdade, fortalecer o *eu*, fazê-lo mais independente do *super-eu*, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorar-se de novas partes do *id*” (Freud, 1932/1969, p. 102).

Encaminhando-me para o encerramento deste breve comentário sobre as ideias do Freud desenvolvidas por Toledo, acredito ser importante registrar que este escrito, vinte anos depois, mantém sua vitalidade, estimulando um trabalho de ressignificação — jogo fecundo entre assimilação e desassimilação — da metapsicologia freudiana. Sendo assim, parece-me oportuno frisar sua postura no sentido de buscar integrar essas tópicas, num diálogo que faz constatações e inquirições: “O aparelho psíquico final de Freud parece-me ser uma expansão do inicial”. (Toledo, 1998, p.9). Sim, expansão que contempla tradição e inovação: marca por excelência da postura inconfidente de Freud (Paim Filho, 2019).

Esses fundamentos, com suas potencialidades de gerar estranhamentos, é um fértil celeiro, para abastecer reflexões sobre clínica e a cultura de nossa contemporaneidade. Assim sendo,

sabermos *algo mais* sobre o legado freudiano nos propicia recursos para estabelecer interlocuções com as temáticas que inquietam a Psicanálise e os psicanalistas, entre elas, as que advogam a necessidade de uma sinistra proposição, uma *terceira tópica*. Faz-se necessário? Qual seria sua configuração? Eis aí alguns interrogantes, que deixo como desafio e um convite para os leitores!

Não esquecendo de levar em consideração o evidenciado por Freud: “É altamente provável que o desenvolvimento dessas divisões esteja sujeito a grandes variações em diferentes indivíduos” (Freud, 1932-1933/1969).

“Una mirada sobre las ideas de Toledo veinte años después”- Ignacio A. Paim Filho

Comentarios sobre el artículo: “Los Aparatos Psíquicos en Freud: La evolución de una hipótesis. Una colaboración en el estudio de la Metapsicología”, de Luís Antônio Bocchino de Toledo.

“A view on Toledo’s ideas after twenty years” - Ignacio A. Paim Filho

Comments on the article “The Psychic Apparatus in Freud: The evolution of a Hypothesis. A collaboration to the study of Metapsychology”, by Luís Antônio Bocchino de Toledo.

Referências:

Freud, S. (2013). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 1. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891)

_____. (1969). Estudos Sobre a Histeria. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

_____. (1969). Projeto para uma psicologia científica para neurólogos. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

_____. (1991). Carta 52. In J. M. Masson (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

_____. (1991). Carta de 13 de fevereiro de 1896. In J. M. Masson (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*

- (Masson, J. M., Org.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897a.)
- _____. (1969). A interpretação dos sonhos. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vols. 4-5. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- _____. (1969). Sobre a psicoterapia. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1904-1905)
- _____. (1969). Novas Conferências Introdutórias. A dissecação da personalidade psíquica. Conferência XXXI. In: S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud*. v.18. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- _____. (1969). Três ensaios sobre a sexualidade infantil. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- _____. (1969). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- _____. (1969). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910a)
- _____. (1969). Recordar, repetir e elaborar. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- _____. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: S Freud L. A. Hans (org.). *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- _____. (2004). O inconsciente. In: S Freud L. A. Hans (org.). *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- _____. (2004). Luto e melancolia. In: S Freud L. A. Hans (org.). *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915-1917)
- _____. (1969). O estranho. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- _____. (2004). Além do princípio do prazer. In: L. A. Hans (org.). *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- _____. (2004). O eu e o id. In: S Freud L. A. Hans (org.). *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

_____. (2004). O problema econômico do masoquismo. In: S Freud L. A. Hans (org.). *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

_____. (1969). A dissecação da personalidade psíquica. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932-1933)

_____. (1969). Análise terminável e interminável. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

_____. (1969). Construções em análise. In: S Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

_____. (2007). A Cisão do eu nos processos de defesa. In: S Freud *Escritos da psicologia do inconsciente*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938)

Paim Filho, I. A., Kunzler, F. e Katz, G. (2014). Exercitando a leitura de Freud em novos tempos. In *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento.

Paim Filho, I. A. (2014). O representável e o irrepresentável: um novo paradigma para pensar as estruturas clínicas. In *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento.

_____. (2019). *Complacência somática – uma estranha condição: entre o corpo biológico e pulsional*. Conferência apresentada em atividade científica preparatória do Congresso Brasileiro de Psicanálise. Campinas, maio de 2019.

_____. (2019). Freud o inconfidente e seus estranhos pensamentos. In *FEBRAP-SI Notícias* [61]. Rio de Janeiro.

Toledo, L. B. (1998). *Os Aparelhos Psíquicos em Freud, a evolução de uma hipótese: uma colaboração ao estudo da metapsicologia*. In Atividade científica em Uberlândia, MG, (08/09/98) e no GEPRP (14/10/98).

Ignácio Alves Paim Filho

Rua Félix da Cunha, 737/410, Porto Alegre, RS.

CEP: 90440-150

F: (51) 3321 3825

Cel: (51) 99981 8458

E-mail: paimiga@terra.com.br

Editora: Maria Lucimar Fortes Paiva